

VOLUME 1
Cartografias
contracoloniais



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA



**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 1

**Cartografias
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**



QUILOMBO DO AREAL



VERSÃO DIGITAL

*Areal é resistência,
Nossa luta é permanente
mesmo sendo desigual*

*Nossa espinha não se verga,
nossa cabeça não baixa.
Rebeldia é nosso selo,
O amor é nossa marca.*

*Por turvos que sejam os dias.
Não mudarão nossas crenças.
No sol da fraternidade.
No brilho da igualdade
no farol da liberdade.*

*Areal é resistência,
Nossa luta é permanente
mesmo sendo desigual*

Adaptado de *Areal do Futuro*,
samba enredo 2019.

COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; XAVIER, Fabiane de Figueredo; TOLEDO, Ubirajara; *et al.* Quilombo do Areal. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 129-157



NARRATIVAS ESPACIAIS DO QUILOMBO DO AREAL

O Quilombo do Areal é uma comunidade centenária, localizada no bairro Menino Deus, em Porto Alegre (RS) (Figura 1) e, atualmente, conta com mais de 100 famílias. O Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente (NEGA/UFRGS), através da mediação de Ubirajara Toledo, membro do Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ), entrou em contato com Fabiane de Figueiredo Xavier, liderança quilombola, para a realização da cartografia social da comunidade do Quilombo do Areal.

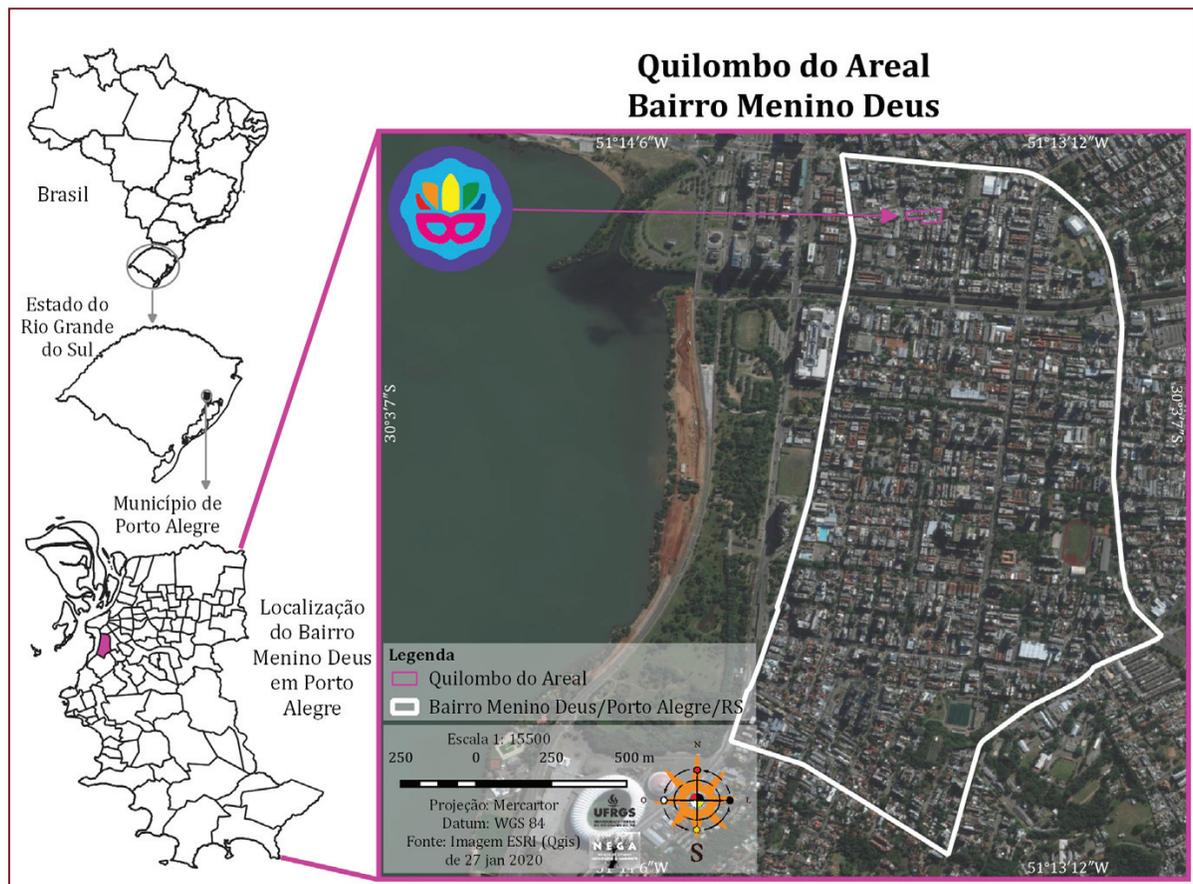


Figura 1 – Mapa de localização do Quilombo do Areal

Fonte: NEGA (2021)

O território, em que está situado o Quilombo do Areal, possui marcas seculares de ocupações negra e quilombola. Inicialmente, a área abrigava as coxias e as senzalas do casarão de veraneio de João Batista e Ana Amélia da Silva Pereira (Figura 2) – barão e baronesa de Gravataí –, nomeados, em 1888, por D. Pedro II, quando este se hospedou nas propriedades do casal, em função de sua vinda à capital, para a inauguração da Companhia Carris de Transporte. Após o falecimento de João e de Ana Amélia, que não deixaram herdeiros, a área foi sendo ocupada e territorializada pelas famílias negras, escravizadas e libertas, que viviam no entorno.



Figura 2 – Casarão de veraneio da Baronesa do Gravataí

Fonte: RTID/INCRA (2013)

Fabiane nos conta que, por um tempo, as famílias negras viveram na área, organizando-se espontaneamente, mas, que, posteriormente, houve a chegada de um caixeiro viajante, de origem portuguesa, chamado Luís Guaranha, que passou a promover loteamentos do terreno e a cobrar aluguel das famílias, que, inicialmente, lá moravam. Após a morte de Luís Guaranha, a Santa Casa de Misericórdia recebeu o terreno como herança, assumindo, também, os dividendos dos aluguéis. Atualmente, o nome do caixeiro viajante dá nome à avenida principal do território do Quilombo do Areal.

Uma característica importante sobre a morfologia do terreno, em que, hoje, situa-se o Quilombo do Areal, é que, no passado, antes das obras de aterro da orla do Guaíba, nas primeiras décadas do século XX, formava-se uma costa arenosa, tal qual uma praia, devido ao carreamento de areia, proveniente de riachos, que se depositava na foz do Lago Guaíba (Figura 3). Segundo a historiadora Sandra Jatayh Pesavento, esta área era:

Conhecida primeiro pela alcunha de “Arraial da Baronesa”, apontava para o significado brasileiro do termo: um arraial é um lugarejo, espécie de aldeia que no caso se instalara em local que fora de propriedade da Baronesa. Cronistas antigos, contudo, registram que a população, tendo em vista



a quantidade de areia da região, passou a chamar o local de Areal da Baronesa, designação esta que se substituiu à primitiva. (PESAVENTO, 1999, p. 14)

Assim, por muito tempo, na chácara da baronesa, eram realizadas atividades rurais, por parte dos escravizados. Com dificuldades de manter a propriedade, principalmente, depois do incêndio no casarão, por volta de 1878, a Baronesa



Figura 3 – Vista parcial do Areal da Baronesa, em 1852. Às margens do Guaíba, está presente o Solar da Baronesa. (Herrmann Wendroth, *Porto Alegre vista do alto da Misericórdia em direção ao sul*, c. 1852, aquarela)

Fonte: Procempa/Prefeitura de Porto Alegre

solicita o parcelamento da terra, para venda. Logo, toda esta área passou a ser espaço de moradia da população negra, que trabalhava na propriedade. Uma das principais atividades econômicas exercidas pelas famílias do Quilombo do Areal e do entorno, desenvolvida, em sua maioria, pelas mulheres, foi a de lavagem de roupas. As lavadeiras trabalhavam nas águas do Guaíba, no antigo arroio Jacaré, atualmente, chamado Dilúvio, e nos riachos do entorno, visto que a área é no entorno do território da antiga Ilhota, extinta pelos processos de urbanização e de higienização, que esta parte da cidade sofreu. Tinha esse nome, porque formava uma pequena ilha, em meio à rede fluvial, ainda não canalizada, da cidade. Como também nos fala Pesavento (1999):



junto com o Areal da Baronesa, a Ilhota constituía-se numa espécie de cinturão negro e pobre ao sul da cidade, identificando parte do 2º distrito como uma zona pouco valorizada e, como tal, nomeada por expressões portadoras de um nítido estigma. (PESAVENTO, 1999, p. 15)

A partir da década de 1960, houve a implementação dos programas de urbanização e de higienização das áreas do centro da cidade, através do Programa “Remover para Promover”, que acarretou a remoção de inúmeras famílias, o que, por sua vez, gerou os bairros Restinga e Lomba do Pinheiro. As famílias que residiam no território do Quilombo do Areal passaram a se organizar e a resistir, para permanecer na área.

Desta forma, a história da família de Fabiane Xavier passa a se destacar na organização das famílias do local, através do reconhecimento e da busca por auxílio externo, para a garantia do território, valorizando as heranças culturais de matriz africana e promovendo a afirmação da população negra em Porto Alegre. As heranças culturais do Quilombo do Areal vão muito além da prestação de serviços, destacando-se, principalmente, como potências culturais, através do Carnaval, visto que, às margens da Ilhota, o espaço conhecido como Areal da Baronesa é o berço do carnaval de Porto Alegre, assim como da religiosidade e de todo uma teia de valores afrocivilizatórios (TRINDADE, 2010), que fundamentam a ancestral presença quilombola no território.

Enquanto uma das famílias mais antigas do Quilombo do Areal, a Família Xavier (Figura 4) tem, em sua ancestral Apolinária Batista Figueiredo, a memória das lavadeiras de outrora. Através de Sônia Maria de Figueiredo Xavier, têm início as lutas de permanência da comunidade no território e as primeiras lutas de autoidentificação com a questão quilombola. Atualmente, Fabiane de Figueiredo Xavier (Figura 5), bisneta de Apolinária e filha de Sônia, é uma das principais lideranças da comunidade quilombola, sendo a atual secretária da Associação Quilombola, que já projeta, através do grupo *Influência Jovem*, novas formas de auto-organização e de preservação das memórias quilombolas do Areal.

Na **Espiral das Resistências do Quilombo do Areal** (Figura 6), registramos, de forma ilustrativa, alguns marcos históricos no percurso da comunidade, que são considerados importantes em sua afirmação territorial.

CARTOGRAFIAS CONTRACOLONIAIS DO QUILOMBO DO AREAL

Com o advento da pandemia de Coronavírus, fez-se necessário adaptar a metodologia de trabalho de campo, para o levantamento das informações, que ocorreu, através do uso da plataforma virtual *Google Meet* (Figura 7). Em entrevista realizada no dia 17 de setembro de 2020, conversamos com Fabiane

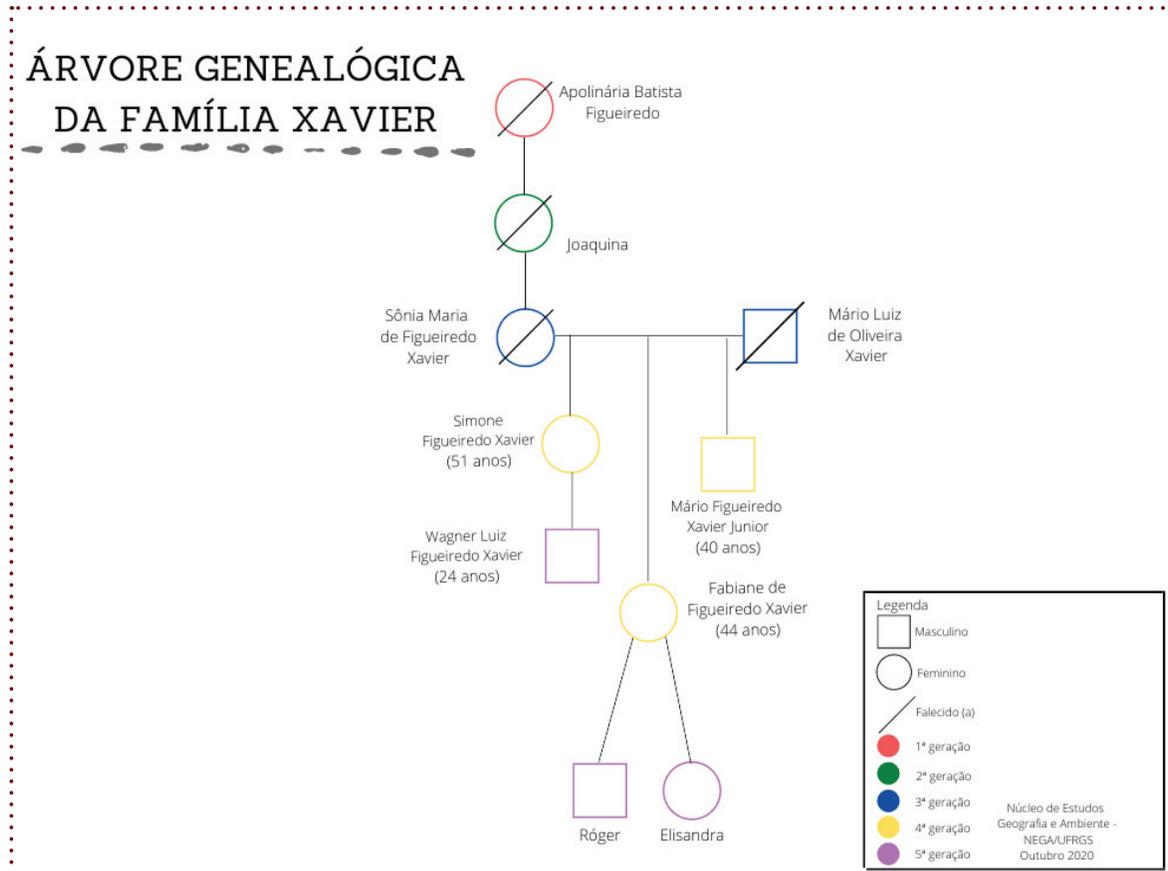


Figura 4 – Árvore genealógica da Família Xavier
Fonte: NEGA (2020)



Figura 5 – Fabiane de Figueiredo Xavier, Róger Luiz Xavier Ribeiro e Alexandre Ribeiro.
Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)

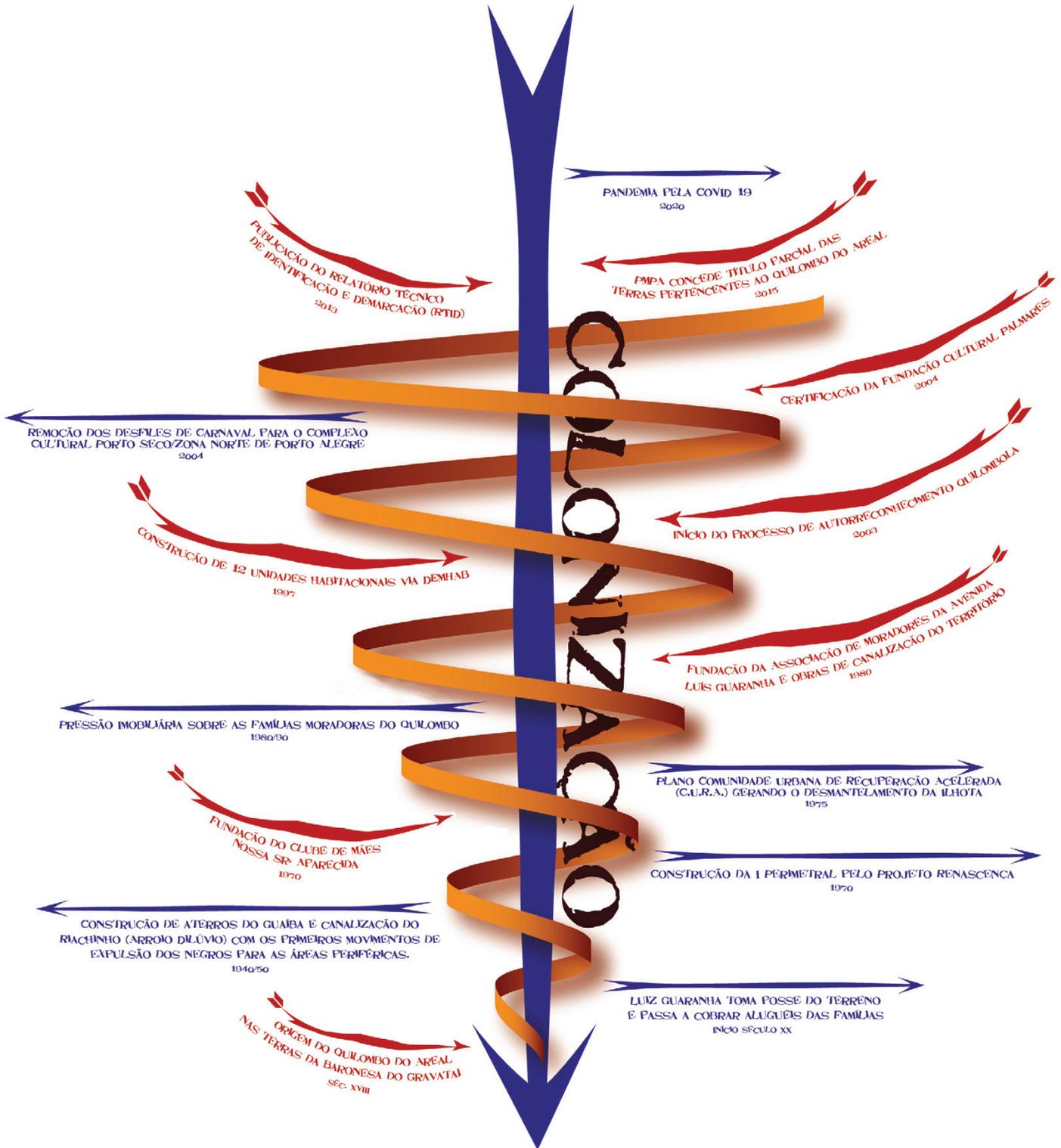


Figura 6 – Espiral das Resistências do Quilombo do Areal
Fonte: NEGA e Fabiane Xavier. Ilustração: Gabriel Muniz (2021)



Xavier e o resultado desta conversa originou as cartografias contracoloniais, que compõem este capítulo.

O conceito de cartografia contracolonial deriva da associação teórico-metodológica das concepções de Santos (2015) e da construção metodológica da cartografia social (ACSELRAD, 2008). Associamos, ao desenvolvimento das cartografias, as construções teóricas de marcadores territoriais de Isabel Henriques (2003) e os valores afrocivilizatórios de Azoilda Trindade (2010), que são enunciados pelos entrevistados, ao longo da construção dialógica dos mapas, resultante da realização de entrevistas semiestruturadas sobre o lugar, sobre as memórias e sobre as trajetórias do entrevistado. Nessa construção, fomos auxiliados, ainda, por uma imagem de satélite, em que registramos as marcas territoriais da comunidade. Através do lugar de escuta (FREIRE, 2016), que ocupamos, como pesquisadora/es, desenvolvemos, em parceria com as lideranças comunitárias, as interpretações e as afirmações sobre os territórios quilombolas, dando origem às cartografias contracoloniais.

Os percursos e as memórias geo-históricas do Quilombo do Areal remontam aos princípios da formação de Porto Alegre e registram a contribuição das famílias negras na construção da cidade. Através da entrevista com Fabiane, cartografamos a presença da comunidade do Areal no território do Quilombo, destacando os movimentos e as conquistas dessa caminhada, que, há mais de século, constrói a cultura carnavalesca de Porto Alegre e contribui para o fortalecimento da cultura negra na cidade.

O Quilombo do Areal é resultado das construções política e cultural da comunidade do Areal, que se organiza e que resiste às transformações da paisagem urbana, desde o início do século XX. Desta forma, a comunidade não foi removida, durante as ações de revitalização e de higienização da antiga Ilhota e arredores, durante a década de 1960, através do projeto-piloto CURA.

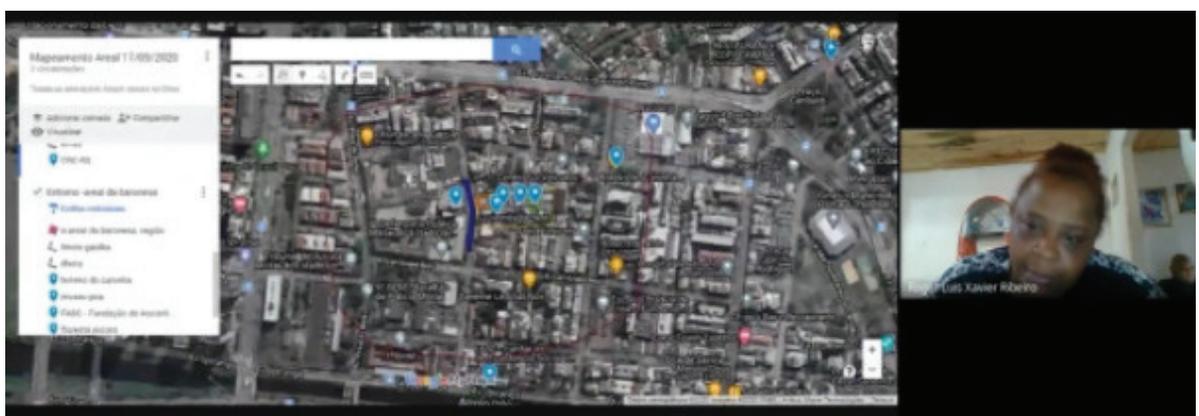


Figura 7 – Captura de tela da entrevista realizada com Fabiane Xavier no dia 17/09/2020.

Fonte: NEGA (2020)



Fabiane de Figueiredo Xavier é descendente de uma das muitas famílias de lavadeiras, que transformaram o território do Areal da Baronesa em quilombo urbano. Sua mãe, Sônia Xavier, foi uma das fundadoras do Clube de Mães (Figura 8), inaugurado na década de 1970, que tinha, por objetivo, reunir as famílias da comunidade, prestando cuidados às crianças, através de atividades nos turnos inversos aos da escola, bem como reunindo e distribuindo doações para as famílias da comunidade, durante o inverno e os períodos mais áridos, para o sustento dos moradores.

Articuladas, a partir do Clube de Mães, as famílias do Areal foram progressivamente se organizando, originando, na década de 1980, a Associação de Moradores da Avenida Luís Guaranha. Nesta década, ainda foram realizadas as obras de canalização do território e, na década seguinte, a partir da participação das famílias e das lideranças no Orçamento Participativo, tais como Dona Sônia Xavier e Gessi da Rosa Fontoura (a Duda), obteve-se o calçamento da avenida Luís Guaranha e a construção de 12 apartamentos, através do projeto de habitação popular, gerido pelo Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB).

Conforme relato de Fabiane, na década de 1990, o terreno da comunidade, que pertencia à Santa Casa, foi cedido para a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, assim, as famílias não precisaram mais pagar aluguel. No começo dos anos 2000, teve início a luta pela afirmação territorial, enquanto comunidade quilombola, baseada na oralidade da ancestralidade da comunidade, que é constituída das práticas sociais e culturais, situadas no atual bairro Menino Deus, junto à Cidade Baixa. Essas práticas são os carnavais, o trabalho das lavadeiras e as relações históricas com este espaço, de forte pertencimento territorial à população negra de Porto Alegre. Após muita luta, a certificação, pela Fundação Cultural Palmares, foi emitida, em 28 de maio de 2004.

Na entrevista, Fabiane Xavier e Ubirajara Toledo lembram do ano de 1997 como importante marco histórico da comunidade, pois, nesse ano, deu-se a conquista da construção das doze unidades habitacionais, através do Orçamento Participativo (OP). Pelo OP, também foi demandada a regularização fundiária da terra quilombola, visto que a titulação foi uma das prioridades das lutas da comunidade, que sempre sofreu com a forte especulação imobiliária do entorno.

Fabiane nos conta que, a partir dos anos 2000, Duda entrou em contato com as questões quilombolas, que ganharam maior visibilidade com a Lei nº 4.887/2003 e, assim, através de um processo de autorreconhecimento, certificado pela Fundação Cultural Palmares (FCP), em dezembro de 2004, a antiga associação de moradores se transformou na Associação Comunitária e Cultural do Quilombo do Areal, em 2005 (Figura 9).



Figura 8 – Sede do Clube de Mães do Areal.
Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)



Figura 9 – Sede da Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal
Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)



[...] era preciso que fosse feita uma associação, uma entidade legal, que representasse a comunidade, perante ao poder público, solicitando a nossa permanência na comunidade, então, o pessoal funda a Associação dos Moradores da Avenida Luiz Guararaha. Essa associação consegue alguns feitos bem importantes, como a canalização, que, até então, não existia, e, num passado mais recente, o calçamento da rua, que também não existia. Em 2002, mais ou menos, a Duda [...] trouxe essa lei (Lei nº 4.887/2003) pra comunidade e fez algumas mudanças na associação [...] aí a gente começa todo um processo na busca da titulação da nossa área [...] (depoimento pessoal de Fabiane de Figueiredo Xavier, em 17/09/2020, em entrevista concedida ao NEGA)

Em 2006, foi elaborado o Relatório Técnico de Identificação e Demarcação (RTID) *Morar em casa de avenida – Quilombo do Areal: legatários do Areal da Baronesa*, de autoria da historiadora Jane Rocha Mattos e do antropólogo Olavo Ramalho Marques, que foi publicado, em 2013. Este relatório faz parte dos estudos demarcatórios, financiados pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA/RS) e, conforme a Lei nº 4.887/2003, tem, por objetivo, viabilizar a outorga do título às terras quilombolas. Destaca-se o artigo de Olavo Marques (2005), que discute o quão o Quilombo do Areal sofre com as pressões do capital imobiliário e com a colonização, imposta pelos padrões urbanísticos, que aniquilam a territorialidade do espaço, ao privilegiar sua homogeneização.

Somente em fevereiro de 2014, foi publicada, no Diário Oficial da União, a Portaria nº 0076/2014, que reconhece e que declara, como terra de Comunidades Remanescentes de Quilombos, a área de 4.466,23 m² do território do Quilombo do Areal, situado no Município de Porto Alegre. No dia 24 de fevereiro de 2014, ocorreu um ato na comunidade, para anunciar esta conquista.

O protagonismo da comunidade continua e, em 25 de maio de 2015, o Plenário da Câmara Municipal de Porto Alegre aprovou o Projeto de Lei do Executivo nº 0053/2015, que autoriza o governo municipal a desafetar e a doar, à Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal, os terrenos municipais, destinados ao reconhecimento da propriedade definitiva da área, assim como o gravame de Área Especial de Interesse Cultural. Atualmente, a área do Quilombo do Areal, identificada como propriedade municipal, aguarda a titularidade definitiva do território. Nota-se que não foram identificados reclamantes pela área, logo não existem entraves financeiros para a outorga do título, de modo o que impede a segurança definitiva do território do Quilombo do Areal é uma questão de falta de vontade política.

Outro marcador importante, que Fabiane destaca, é o coletivo *Influência Jovem*. Este grupo foi criado, para aproximar as diferentes gerações da comunidade, com foco, principalmente, na participação dos jovens e dos adolescentes, de modo a se envolverem mais nas atividades propostas pela



associação quilombola, fortalecendo parcerias e promovendo a continuidade da autonomia da comunidade. Um destaque da atuação deste grupo é a criação do censo do Quilombo do Areal, instrumento que tem, por objetivo, atualizar a situação cadastral das famílias quilombolas.

Na cartografia **Marcadores Territoriais do Quilombo do Areal** (Figura 10), registramos as marcas do passado e do presente, que constituem as geografias da comunidade. O Areal é um importante território negro de Porto Alegre, que reúne e que preserva as memórias desta população e que tem papel fundamental na construção e na expansão da cidade. A partir da relação com as novas gerações, a comunidade do Quilombo do Areal produz cultura e cidadania quilombola na capital gaúcha.

O Carnaval é um importante marcador territorial, pois reúne os valores afrocivilizatórios da musicalidade, da corporeidade e da ludicidade, e o Areal é uma referência nas tradições do Carnaval, na cidade de Porto Alegre. Conforme o relato de Fabiane, foi no Areal que se organizou o primeiro Carnaval da cidade, com o primeiro Rei Momo negro, o rei Lelé Adão Alves de Oliveira. O coreto do Areal ficava na esquina das ruas Baronesa do Gravataí e João Alfredo. As tradições das festas carnavalescas em toda a Cidade Baixa sofreram e ainda sofrem com o colonialismo urbano, que tenta impor a contenção dessa celebração, bem como sua expulsão para espaços mais distantes da cidade.

[...] onde é hoje o Centro de Referência do Negro, era a sede da Escola de Samba Beija-Flor do Sul, onde toda a comunidade daqui participava dessa escola. Isso foi na década de 1980 [...] (depoimento pessoal de Fabiane de Figueiredo Xavier, em 17/09/2020, em entrevista concedida ao NEGA)

Na década de 1990, o Carnaval da comunidade do Areal era embalado pela Integração do Areal da Baronesa (1994-2002). Atualmente, autoidentificados como quilombolas, no Quilombo do Areal, o Carnaval se organiza, através do Bloco Carnavalesco Areal do Futuro (Figuras 11, 12, 13, 14 e 15), que, desde 2005, promove oficinas de percussão para a comunidade e para o público externo, assim como também preserva as memórias e os ritmos do Carnaval portalegrense. Por ele, ainda circulam muitos artistas, como Mestre Paraquedas, Mestre Pernambuco e Neri Caveira, nomes ligados a essa tradição.

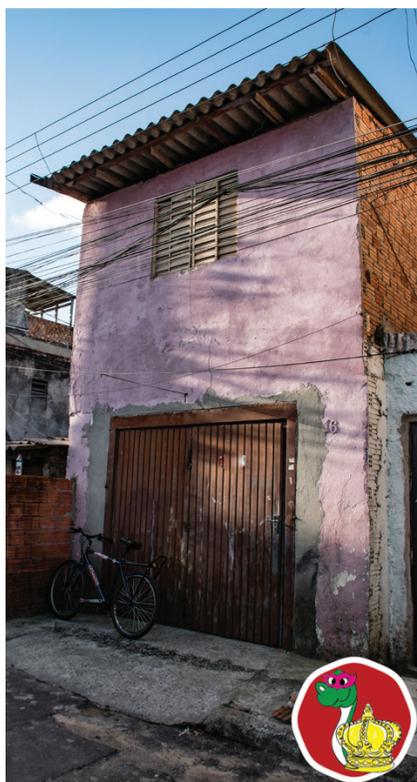
[...] o Areal do Futuro é um projeto, que acontece, dentro da comunidade e que tem uma diretoria própria... Ele resgata a nossa cultura carnavalesca, que é inerente a nós, aqui, do Quilombo do Areal, pois [...] o Carnaval, o samba, o tambor, a percussão, enfim, isso tudo é muito importante para a gente. A gente nasceu e se criou, participando do Carnaval [...] (depoimento pessoal de Fabiane de Figueiredo Xavier, em 17/09/2020, em entrevista concedida ao NEGA)

QUILOMBO DO AREAL

Marcadores Territoriais



Figura 10 – Mapa dos Marcadores Territoriais do Quilombo do Areal. Fonte: NEGA (2020)



Legenda

 Limites do Quilombo do Areal

 Casarão Família Xavier

 Calçamento da Av. Luiz Guaranha em 1990

 Canalização da Av. Luiz Guaranha em 1982

 12 unidades habitacionais conquistadas pelacomunidade no Orçamento Participativo (1997)

 Antigo Espaços das Ervas

 Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida

 Sede da Areal do Futuro

 Sede da Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal

 Vestígios Arqueológicos do século XIX e início do século XX

 Antigos Espaços das Taquareiras e dos Varais



Figura 11 – Fachada da sede do Bloco Carnavalesco Areal do Futuro.
Fonte: arquivo do Areal do Futuro (2021)



Figura 12 – Festa de Carnaval. Em pé, da esquerda para direita: Dani Rouvel e Mestre Paulinho. Sentados, da esquerda para direita: Anderson Correa e Mãe Ieda de Ogum.
Fonte: arquivo do Areal do Futuro (2019)



Figura 13 – Junção do pessoal da *Oficina de Percussão no Areal do Futuro*, com Mestre Paulinho e com a turma da disciplina *Encontro de Saberes/UFRGS*
Fonte: arquivo da *Encontro de Saberes* (2019)



Figura 14 – Pessoal do Areal do Futuro.
Fonte: arquivo do Areal do Futuro (2020)



Figura 15 – Arrastão do bloco Areal do Futuro na Cidade Baixa, em janeiro de 2020.
Fonte: arquivo do Areal do Futuro (2020).



Na cartografia dos **Movimentos Históricos e Cotidianos do Quilombo do Areal** (Figura 16), espacializamos as memórias do Carnaval, a partir da comunidade do Areal, bem como evidenciamos as relações deste território com a antiga Ilhota e com os atuais territórios da Mocambo e do Quilombo do Fidélis, parceiros na luta quilombola e no Carnaval. Além dos marcadores, que registram os percursos e as memórias do Carnaval, destacamos, também, os movimentos cotidianos de lazer, de trabalho e de religiosidade, que se estendem na relação da comunidade com o entorno.

As relações com o entorno, do passado e do presente, estão ligadas às marcas da cultura negra da cidade. Os antigos marcadores territoriais, como o Clube Floresta Aurora e a Escola de Samba Beija Flor do Sul, conversam com os atuais marcadores das memórias do samba em Porto Alegre, tais quais o *Boteko do Caninha* (Figura 17).

Na cartografia de perícia do **Quilombo do Areal, 1941** (Figura 18), elaborada a partir das narrativas de Fabiane sobre o passado do território do Quilombo do Areal, realçamos, sobre a imagem aerofotogramétrica de 1941, obtida junto à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a área da Ilhota, vizinha ao atual território do Quilombo do Areal, assim como os limites desta sessão da orla do Guaíba, que, até a década de 1960, faziam fronteira com os areais do Quilombo. É possível ver o local, em que, no passado, as famílias quilombolas cultivavam plantações de ervas, usadas para medicinas e para rituais religiosos, e em que ficavam as taquaireiras, usadas para quicar as roupas, provenientes dos quartéis da Brigada Militar, dos marinheiros e das demais instituições do entorno, que demandavam os serviços das lavadeiras do Areal (Figura 19).

[...] o porto, naquela época, também era mais próximo. O Rio Guaíba batia aqui na esquina da Baronesa, então as lavadeiras [...] lavavam roupa aqui, na beira do rio. Sempre tinha navios atracados, então tinham marinheiros, que tinham necessidade que tivesse sua roupa lavada, assim sempre teve muito trabalho para as lavadeiras se autossustentarem [...] (depoimento pessoal de Fabiane de Figueiredo Xavier, em 17/09/2020, em entrevista concedida ao NEGA)



Legenda

-  Quilombo do Areal
-  Deslocamentos Históricos e Cotidianos
-  Comunidade Mocambo
-  Quilombo da Família Fidélis
-  Boteko do Caninha
-  Escola de Samba Beija Flor do Sul
-  Antiga Escola de Samba Imperadores do Samba
-  Clube Floresta Aurora
-  Yalorichá Mãe Ieda de Ogum
-  Colégio Estadual Cel. Afonso Emílio Massot
-  EEEF Cândido Portinari
-  EEEF Prof Olintho De Oliveira
-  Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (Trabalho Fabiane)
-  EEEF Profa Leopolda Barnewitz
-  Instituição de Educação Infantil Lupicínio Rodrigues
-  Pão dos Pobres
-  Fundação de Assistência Social e Cidadania
-  Museu Joaquim José Felizardo
-  Parque da Redenção
-  Unidade de Saúde Modelo
-  Antiga Ilhota
- Carnaval Popular de Rua (década de 1940):**
-  Coreto do Rei Momo, Rei Lelé
-  Praça Garibaldi
-  R. João Alfredo (antiga R. da Margem)
-  Antigo trecho do leito do Riachinho (Dilúvio)



Figura 16 – Mapa dos movimentos históricos e cotidianos do Quilombo do Areal. Fonte: NEGA (2020)

Movimentos Históricos e Cotidianos do Quilombo do Areal

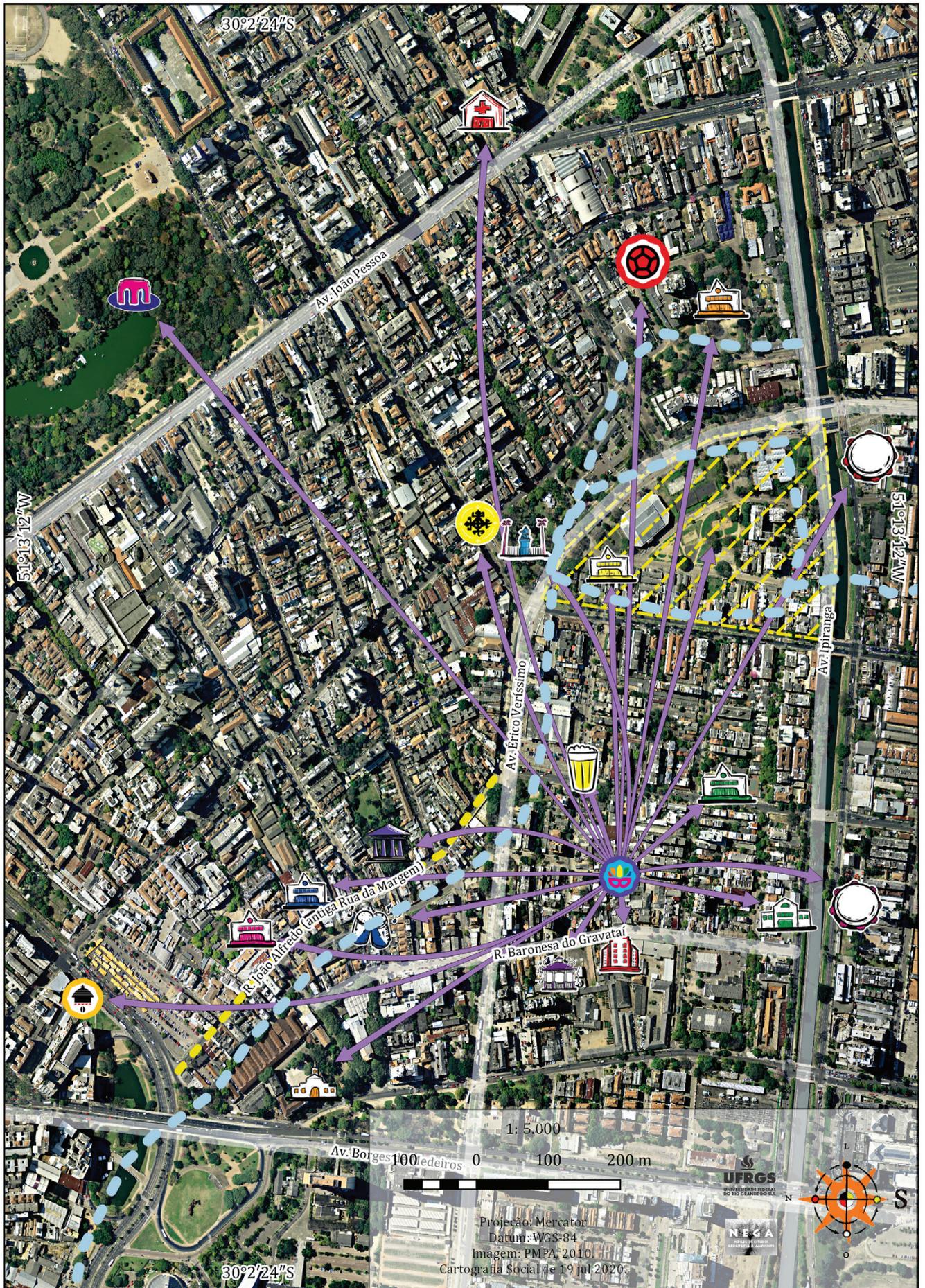




Figura 17 – Boteko do Caninha
Fonte: arquivo do Boteko do Caninha (2013)



Figura 19 – Registro das lavadeiras na orla do Guaíba.
Fonte: Banco de Imagens Prati (s/d)



Quilombo do Areal, 1941



Legenda



Casarão da Família Xavier
(antigo Casarão da Baronesa)

— Avenida Luiz Guaranhã

□ Espaço das Ervas

□ Taquareira

□ Espaço dos Varais

□ Moradias de Aluguel

Informações da Aerofotografia

Imagem de 1941 do Bairro Menino Deus.
Imagem sem georreferenciamento.
Fonte: PMPA, 1941.



Figura 18 – Fotografia Aérea do Quilombo do Areal em 1941.
Fonte: NEGA (2020)



TRAVESSIAS EM CURSO PELA COMUNIDADE

Apresentamos, neste capítulo, o pertencimento territorial do Quilombo do Areal, fazendo referência ao relatório, produzido pelo NEGA, junto à comunidade, em 2020/2021, que também constitui um instrumento técnico, que trata sobre o reconhecimento territorial e sobre a afirmação espacial da comunidade no bairro Menino Deus, em Porto Alegre (RS). Os dados são oriundos da coleta de informações, obtidas por meio de entrevista virtual, de trabalho de campo, para o levantamento fotográfico, e da realização do mapeamento coparticipativo.

Ressaltamos que as comunidades quilombolas não podem ser generalizadas nem consideradas territórios homogêneos, que apresentam formas idênticas de organização social e de distribuição espacial, sendo metodologicamente equivocado construir um modelo, como instrumento de pesquisa indiscriminado, a ser utilizado para todas as comunidades ou, mesmo, usar somente informações universais, dispostas por instituições oficiais. Considerando o Decreto nº 4.887/2003, é previsto procedimento como este, a fim de compreender as dinâmicas geográficas dos vínculos territoriais e a caracterização socioambiental da comunidade estudada, a fim de subsidiar o reconhecimento do território quilombola, por parte do Estado.

Em fevereiro de 2014, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/RS) publicou, na Portaria nº 76/2014, o reconhecimento das terras do Quilombo do Areal, com uma área de 4.466,23 metros quadrados. A comunidade ainda aguarda melhorias no espaço, após a aprovação do Projeto de Lei do Executivo nº 0053/2015, que autoriza o governo municipal a desafetar e a doar, à Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal, terrenos municipais, destinados ao reconhecimento da propriedade definitiva da área.

Em 2020, a pandemia do Coronavírus vem apresentando as expressões desumanas do racismo estrutural, presente na organização urbana da cidade, e do genocídio, direcionado aos povos tradicionais, impactando indígenas e quilombolas, como acontece, historicamente, em Porto Alegre. Apesar dessas ações de desestruturação territorial, a comunidade segue nos cuidados com o seu bem-viver, mantendo as atividades de ações comunitárias e as suas redes de apoio, para o enfrentamento da pandemia (Figuras 20 e 21).



Figura 20 – Dona Olga, a mais antiga moradora do Quilombo do Areal, recebendo a primeira dose da vacina contra o Coronavírus

Fonte: acervo do Quilombo do Areal (2021)



Figura 21 – Telecentro comunitário, para suprir as demandas de educação a distância, durante a pandemia de Coronavírus

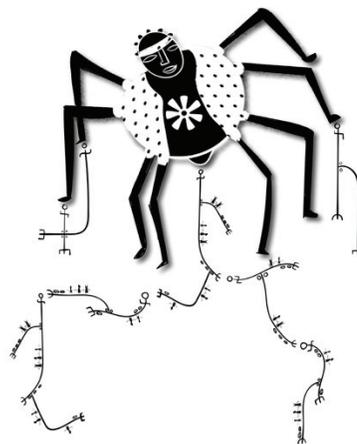
Fonte: arquivo do Areal do Futuro (2021)



CONVERSANDO SOBRE O QUE ESTAMOS APRENDENDO...

I. Proposta para atividades pedagógicas

1. **Temática:** O Quilombo do Areal: história e cultura.
2. **Objetivos**
 - Conhecer aspectos da história e da cultura do Quilombo do Areal;
 - Valorizar os saberes tradicionais e fortalecer a identidade quilombola.



3. Atividade

I – Formar grupos de três ou mais pessoas para debater e responder às seguintes questões:

- a. Explique a importância da retomada territorial da propriedade do Areal da Baronesa, pelas famílias negras, escravizadas e libertas, após a morte de João e de Ana Amélia.
- b. Quem eram as lavadeiras? Faça uma pesquisa sobre a importância deste trabalho no início do século XX, em Porto Alegre, e sobre quais espaços eram realizadas essas atividades.
- c. O Quilombo do Areal carrega um significado histórico em seu nome. A palavra areal se refere à antiga paisagem do local. Porque o Quilombo do Areal tem esse nome?
- d. O Clube de Mães teve um papel importante na organização, no cuidado e na luta por direitos, na comunidade do Quilombo do Areal. Através das suas mobilizações, houve muitas conquistas. Cite pelo menos duas conquistas e sua importância para o território.
- e. Porque o Carnaval é tão presente no cotidiano das famílias do Quilombo do Areal?

II – O Carnaval e o Quilombo do Areal

- a. Sugestão: pesquisa de temas-enredos

A prática consiste na pesquisa por temas relevantes, para serem objeto de estudo dos educandos. As possibilidades vão de pessoas, que têm uma atuação marcante no bairro ou na cidade, a figuras históricas, que



merecem ser lembradas, a datas comemorativas, a fatos históricos, a temas atuais ou a quaisquer outros, que sejam do interesse dos estudantes.

A aula começa com uma chuva de ideias, que, posteriormente, serão divididas em temáticas, que serão escolhidas pelos estudantes. Os alunos deverão pesquisar sobre os assuntos, apresentá-los aos colegas, tentar convencer uns aos outros e, posteriormente, votar, para que um tema seja escolhido.

Após a escolha do tema, ocorre a criação de samba-enredo:

Os educandos poderão elaborar uma composição textual, que aborde o tema-enredo escolhido pela turma, utilizando diferentes gêneros textuais, como poema, fábula, carta, conto, crônica, letra, biografia, anedota, diário, lenda, novela, etc. Os textos poderão ser apresentados a todos.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e identidade**: o desmantelamento da terra africana e a construção – da Angola colonial (c. 1872-c. 1926). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003. Disponível em: www.africafederation.net/desmantelamento_africano.pdf. Acesso em: 1º mar. 2013.

MARQUES, Olavo Ramalho. O dinheiro e o espaço da cidade: reflexões a partir da etnografia da avenida Luís Guaranha, Porto Alegre/RS. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 13, p. 1-20, 2005.

MARQUES, Olavo Ramalho, MATTOS, Jane Rocha. **Morar em casa de avenida – Quilombo do Areal**: legatários do Areal da Baronesa. Porto Alegre: INCRA/RS, 2013. (Relatório Técnico de Identificação e Demarcação)

PESSAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares Malditos: A cidade do 'outro' no sul do brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100010. Acesso em: 5 fev. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: Modos e significações. Brasília: UnB/INCTI, 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. *In*: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Modos de Brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A Cor da Cultura, v. 5.).



FICHA TÉCNICA – QUILOMBO DO AREAL

Relatório técnico e texto didático-pedagógico: Carlos Henrique de Oliveira Aigner, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Fabiane de Figueredo Xavier, Giulia Assunção Sichelero, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores e William de Oliveira Silva da Silva.

Fotografia: Ariel Rocha de Lima e Cláudia Luisa Zeferino Pires

Ilustração: Gabriel Muniz de Souza Queiroz

Cartografias: Cláudia Luisa Zeferino Pires, Gabriel Muniz de Souza Queiroz, Hiago Godoi Barth, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Bitencourt, Matheus Eilers Penha e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

Trabalho de campo: Ariel Rocha de Lima, Cláudia Luisa Zeferino Pires, Fabiane Xavier, Hiago Barth, Lara Macahado Bitencourt e Ubirajara Toledo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à comunidade do Quilombo do Areal, à grande companheira e guerreira Fabiane de Figueredo Xavier, liderança da comunidade – obrigada pela disponibilidade e acolhida, pelo diálogo e pelo mapeamento do rico território do Areal. Agradecemos a Clarice Moraes e ao Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ/RS), que se dispuseram na mediação e no diálogo, junto à comunidade, sobretudo, no amparo jurídico.

